



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal de Piracicaba

Data: 22/11/2018

Caderno/Link: C2

Assunto: A Revolução Silenciosa

A Revolução Silenciosa

Marcelo Mazzei

Se tem um local que gosto muito de bater um papo é no supermercado. Estranho? Não! É no supermercado que encontro alguns amigos que não vejo há tempos. Especialmente aqui em Piracicaba, tenho um grande amigo de infância que é professor da Esalq.

Um destes papos cabeça que tivemos foi sobre a educação no Brasil e como as coisas andam mal. Mas enveredamos sobre um assunto que me deixou encafifado. Como fazer uma revolução em qualquer país sem disparar um tiro! Comecei a entender a partir de um personagem que esse meu amigo me falou: Antônio Gramsci. Falamos Também de ENEM e as questões duvidosas que compõem o Exame.

Mas vamos lá: quem foi esse tal de Gramsci? Nasceu na Sardenha em 22/01/1891 e faleceu em 27/04/1937. Foi um dos líderes do partido comunista na Itália desde sua fundação em 1921. Em 8 de novembro de 1926, a polícia italiana prendeu Gramsci. Posteriormente, ele seria condenado a cinco anos de confinamento na remota ilha de Ustica. No ano seguinte, foi condenado a vinte anos de prisão em Turi, próximo a Bari. Em 1934, sua saúde estava seriamente abalada, e ele recebeu a liberdade condicional, após ter passado por alguns hospitais. Morreu tempo depois de ter sido libertado.

Na sua obra constam 32 cadernos que foram escritos no cárcere e que foram revisados e unidos em 6 volumes que na década de 70 acabaram sendo disputadíssimos pelos ditos partidos de esquerda que se formariam após o fim da ditadura brasileira, principalmente um deles que governou o país por mais de 12 anos.

Gramsci é famoso principalmente pela elaboração do conceito de

hegemonia e bloco hegemônico, e também por focar no estudo dos aspectos culturais da sociedade como elemento a partir do qual poder-se-ia realizar uma ação política e como uma das formas de criar e reproduzir a hegemonia.

Segundo esse conceito, o poder das classes dominantes sobre o proletariado e todas as classes dominadas dentro do modo de produção capitalista não reside simplesmente no controle dos aparelhos repressivos do Estado. Este poder é garantido fundamentalmente pela 'hegemonia' cultural que as classes dominantes logram exercer sobre as dominadas, através do controle do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação. Usando deste controle, as classes dominantes 'educam' os dominados para que estes vivam em submissão às primeiras como algo natural e conveniente, inibindo assim sua potencialidade revolucionária.

Então para se fazer uma revolução sem armas, basta mudar o sistema educacional, as instituições religiosas e os meios de comunicação. As nossas universidades, principalmente as federais estão impregnadas de ideologia revolucionária que poucos notaram. O ensino médio, que é na maioria público no país, passou por uma grande mudança no seu currículo prevendo um viés, na minha opinião, completamente desconectado da realidade do mundo.

Chegamos a conclusão que através destas mudanças o partido dominante conseguiria a hegemonia sobre os ditos de direita e o restante da população. Levaremos muito tempo para mudar este perfil, senão corremos o risco de dividirmos ainda mais o país.



Escritor